

Não há educação sem Educação Física*

Leonardo Rocha**

Exmo. Senhor Secretário Regional,

É com uma enorme satisfação que tecerei algumas considerações acerca do tema que nos trouxe a este evento.

Representar a Sociedade Portuguesa de Educação Física — uma sociedade com objectivos científicos e sócio-profissionais com expressão nacional e internacional, que congrega profissionais de Educação Física de todo o país — num acontecimento com esta importância é estimulante, mas sobretudo é um dos momentos mais emocionantes da minha actividade associativa.

Emocionante, por um lado, porque vejo mais uma vez a SPEF ser socialmente reconhecida e, por outro, porque me encontro na presença de alguns dos seus membros que pela sua actuação e dedicação, têm contribuído muito para essa valorização.

Para esses a minha admiração e um forte abraço solidário.

Não há Educação sem Educação Física!

Frase simples, que parece aceite por todos, mas que, em nossa opinião, nem sempre tem congregado atenções e esforços, sobretudo nas escolas do 1.º CEB, onde continua a não ser efectiva para a maioria das crianças que frequentam as escolas portuguesas deste nível de ensino.

Os estudos e as referências que conhecemos sobre o assunto confirmam que na maior parte das escolas portuguesas do 1.º CEB não existe

* Intervenção realizada em representação da SPEF no IV Encontro Regional de Educação Física do 1.º Ciclo do Ensino Básico na Região Autónoma dos Açores.

** Vice-Presidente da Direcção da SPEF.

Boletim SPEF, n.º 14 Outono de 1996, pp. 81-92.

uma prática regular de actividades físicas orientada pelos professores das respectivas classes.

Felizmente, existem excepções em algumas zonas do território nacional que no entanto não são suficientes para alterar as cores deste quadro cinzento.

É comum afirmar-se que na origem da situação estão a ausência de instalações adequadas e a falta de formação específica dos docentes daquele nível de ensino.

Não estamos convencidos que as razões apontadas sejam as únicas nem as mais pertinentes. Pensamos que existem outras, que apresentaremos mais adiante e que, em nossa opinião, contribuem de uma forma decisiva para a manutenção daquele quadro cinzento.

A dificuldade em implementar e generalizar a Educação Física nos primeiros anos de escolaridade obrigatória é um problema que tem preocupado professores, formadores e investigadores, que acreditam ser essencial criar, desde muito cedo, hábitos de vida activa.

O desejo em querer proporcionar a todas as crianças da escola primária uma actividade regular de educação física tem dado origem a algumas experiências, realizadas em diferentes regiões do mundo. Provar e mostrar os benefícios de uma prática sistemática e correctamente orientada de Educação Física têm sido os principais objectivos dessas experiências.

A experiência realizada por Tinning (1992)¹ na Austrália, o trabalho desenvolvido por Graham (1992)² nos Estados Unidos da América, o estudo realizado no Canadá por Swalus e outros. (1987³; 1988⁴), a recente pesquisa orientada por Piéron e outros, (1995)⁵ na Bélgica, as publicações organizadas e publicadas por Armstrong (1992)⁶ no seio da Physical Education Association of Great Britain and Northern Ireland, as colectâneas de textos e guias de apoio editados pela Association des Enseignants d'Éducation Physique et Sportive em colaboração com as Edições «Revue de Education Physique et Sport»⁷, são alguns exemplos dessas preocupações.

De entre as que acabámos de referir, destaca-se a pesquisa orientada pelo Professor Maurice Pierón (1994), levado a cabo na comunidade francófona Belga que demonstrou claramente os benefícios da prática regular de EF nas crianças em termos do seu desenvolvimento físico e motor.

Em Portugal, a SPEF consciente desta problemática, também tem procurado dinamizar e promover a discussão e divulgação de experiências relacionadas com a Educação Física no 1.º ciclo do Ensino Básico, nomeadamente no apoio que prestou à organização do 1.º congresso sobre o tema, realizado no Seixal, e da qual resultou a publicação de um boletim temático ilustrativo das preocupações e experiências realizadas a nível nacional.

Nesse congresso foram apresentados os primeiros elementos sobre o projecto que esta Direcção Regional de Educação Física e Desporto vinha

desenvolvendo sobre a promoção da Educação Física nas escolas do 1.º ciclo.

Podemos confirmar que estas preocupações de desenvolvimento da EF não são exclusivamente portuguesas, como se pode verificar pela declaração de Madrid da EUPEA — A Organização Europeia das Associações de Profissionais de Educação Física, onde a SPEF está representada e da qual é um dos membros fundadores, onde se defende claramente a necessidade de promover e defender a Educação Física nos níveis mais baixos da escolaridade como um conteúdo essencial do seu currículo. Deste encontro saiu a frase «não há Educação sem Educação Física», que utilizo como título desta comunicação, por a considerar com um enorme significado e responsabilidade. Aceitá-la implica fazer com que nos graus mais baixos da escolaridade (até aos 12 anos), a EF seja matéria de presença diária e exigir que seja ministrada por professores com qualificação apropriada, segundo o conceito de educação vigente em cada um dos países.

Apesar de tudo isto, verifica-se que a Educação Física continua a não ter o tempo, a dedicação e a qualidade necessárias ao cumprimento das suas finalidades. Esta situação reflecte uma determinada visão sócio-cultural de Educação Física, dominante nas nossas sociedades, que a considera importante mas que lhe atribui um estatuto de área de formação periférica relativamente ao conjunto de finalidades que a escola deve cumprir.

É muito importante mas só quando for possível!

As recentes alterações sociais ocorridas no mundo moderno têm provocado no ensino o surgimento de novos valores, saberes e competências, colocando à escola cada vez maiores responsabilidades na escolha das matérias e práticas de ensino que utiliza.

É pacífico aceitar-se que o que se pede hoje à escola é mais exigente do que aquilo que se pedia antes e que já não é possível pedir-lhe que se limite a ensinar a ler, escrever e contar. Exige-se que prepare o cidadão para interpretar e manipular capazmente as informações que lhe chegam e participar, cada vez mais activa e conscientemente, na vida da sociedade onde está inserido.

Assim é fundamental que a escola promova outras práticas, utilize novos métodos e desenvolva conteúdos actualizados e adequados às novas exigências sociais.

Sabemos que aprender na escola tem particularidades que a distingue de outros locais onde também se ensina.

Aprender com os outros será talvez uma das suas particularidades mais importantes. O processo de integração social que promove, possibilita a cada criança adquirir habilidades, conhecimentos e atitudes que lhe permitirão confrontar ideias, discutir opiniões, escolher e tomar decisões. Para isso, a escola tem o dever proporcionar experiências que ajudem os jovens a adquirir a capacidade de intervir socialmente como

membros da sociedade a que pertencem de uma forma cada vez mais ajustada e eficaz..

Ao definir para o sistema de ensino um currículo que enuncia as matérias que devem ter lugar no seu interior, a sociedade expressa quais são as suas principais preocupações e intenções educativas.

Embora sem existir uma definição precisa ou pacífica, pode dizer-se que o currículo de uma Escola consiste na organização de todas as actividades colocadas à disposição dos alunos, destinada a promover o seu desenvolvimento intelectual, pessoal, social e físico.

É através dele que os alunos desenvolvem competências, adquirem conhecimentos e valores, progridem na sua integração social e tornam-se capazes de escolher e intervir.

A Educação Física é uma disciplina incluída nos currículos de todos os anos de escolaridade, desde o 1.º CEB até ao final do Secundário.

Para compreender a forma como a Educação Física tem sido tratada no nosso sistema educativo é indispensável interpretar o estatuto de que goza em confronto com as outras áreas curriculares.

Normalmente considerada com um estatuto periférico em relação às outras componentes do currículo não tem tido, nos mais variados aspectos, a atenção e os recursos considerados necessários à sua realização.

Apesar de ter um lugar no currículo, a Educação Física continua sem ter a valorização e a consideração indispensáveis a um reconhecimento generalizado das suas potencialidades educativas.

Não se lhe reconhece alcance cultural nem se dá valor aos conteúdos que ensina.

As preocupações excessivas com o desenvolvimento cognitivo, por um lado, e a preferência por abordagens teóricas, por outro, têm empurrado a Educação Física para um estatuto de minoridade que a coloca frequentemente numa atmosfera de clandestinidade.

Como é possível aceitar-se que possam existir escolas sem recursos, onde a Educação Física se encontra dependente de condições que lhe são exteriores e que não controla. Esta aceitação passiva de que é possível atingir-se as finalidades e os objectivos educativos sem o contributo de uma das suas componentes, continua influenciada por atitudes mecanicistas e dualistas que consideram as aquisições cognitivas independentes das acções práticas que as concretizam e separadas das emoções que as envolvem.

Como mudar este estado de coisas perante tantos condicionalismos de ordem cultural, estrutural e económica?

Em primeiro lugar, consideramos que não é suficiente reforçar em colóquios, artigos ou aconselhamentos a importância das actividades físicas no desenvolvimento e manutenção de estilos de vida saudáveis.

Antes de tudo é fundamental compreender que essa atitude não se adquire de fora para dentro e que, tal como se aprende a gostar de ler,

também se pode aprender a gostar de praticar regularmente uma actividade física.

Num caso como noutro, reconhecemos que é na escola, com os outros, que tudo deve começar, e que é lendo e praticando que esse gosto se desenvolve.

Tenhamos a coragem de exigir às instituições educativas que cumpram a sua obrigação, colocando à disposição da escola os meios e os recursos indispensáveis à sua tarefa, ao invés de lhe retirarem responsabilidades e inventarem paliativos.

Sabemos que o ritmo e a complexidade da vida dos nossos dias, tornam cada vez mais difícil decidir o que é bom, o que é desejável, o que é certo.

Com frequência as crianças e os jovens confrontam-se com a necessidade de escolher e não sabem o que devem valorizar nem onde devem investir as suas energias.

Tornou-se mais difícil para a criança desenvolver valores claros.

É neste confronto que a Escola pode e deve constituir-se como um quadro de referências estável, que possibilite vivências práticas e a escolha de valores que a orientem na sua vida futura.

Emerge de tudo isto um novo quadro de valores onde a prática das Actividades Físicas, em que incluímos naturalmente o Desporto, deixe de ser encarada como um simples meio para passar a ser um fim e um valor em si mesma.

Para nós, valores são produto de experiências pessoais que emergem da situação de cada um ter de tomar decisões e integrar essas opções na sua maneira de viver. É um processo pessoal que não fica completo na infância ou na adolescência, que dura toda a vida.

É inegável a importância do papel que a Educação Física e o Desporto na escola podem desempenhar na promoção de experiências que encorajem escolhas ponderadas, convicções mais esclarecidas de gostos e preferências e a integração mais congruente de valores na vida de todos os dias.

Em segundo lugar, assumamos a urgência em reconhecer que existe uma cultura motora composta por um repertório de conceitos e competências a desenvolver em processos organizados e continuados de ensino/aprendizagem.

Isto quer dizer que devemos claramente determinar quais as competências, conhecimentos e atitudes básicas que cada aluno deve adquirir com vista à sua futura actuação numa sociedade cada vez com mais preocupações ambientais e em permanente evolução. Na escola, um currículo equilibrado tem de considerar a pessoa na sua globalidade e inserida num meio ambiente que importa preservar. Para Laventure⁸ (1992), através do processo de formação pessoal e social, os jovens têm de ter igualdade de oportunidades para adquirir habilidades, conhecimentos e atitudes que o equipem para todos os aspectos da sua vida.

Neste aspecto, o contributo da Educação Física tem de ser valorizado. As situações que proporciona de relacionamento com os outros e com o meio envolvente são únicas na promoção de estilos de vida autónomos e saudáveis e, acima de tudo, no desenvolvimento de uma consciência cívica em que a actividade física é, também ela, um bem, um valor e uma necessidade social a partilhar por todos.

No nosso país existem indicações claras sobre aquelas competências, consubstanciadas nos programas oficiais que apontam os percursos a seguir, quer na formação inicial e contínua dos professores, quer na colocação nas escolas dos meios indispensáveis à sua concretização.

Em terceiro, promovamos uma mudança de atitude de alunos, educadores, pais, governantes, médicos, e demais agentes educativos em relação à escola.

Podemos sempre argumentar-se que as finalidades atrás expostas não são novas, e que estiveram sempre presentes no pensamento de todos.

Temos no entanto que reconhecer as evidências, que revelam que as nossas estratégias não têm tido o sucesso esperado. Reconheçamos que ainda não estão atingidos níveis aceitáveis de participação da população escolar em actividades físicas de qualidade e regulares. É sempre possível justificar-se que não existem condições de prática ou que não existem espaços temporais adequados.

Julgamos que para além destas existem outras razões bem mais profundas que condicionam a participação desejável.

A generalização da crença de que os «Jogos» (e por arrastamento as actividades físicas) não constituem matérias de ensino, Arnold (1988) e a pressão do mundo do desporto, que espera que a escola lhe forneça desportistas altamente motivados, competentes e especializados em determinados desportos serão certamente as com maior influência.

Em nossa opinião, estas razões têm contribuído para que a comunidade educativa, na sua maior parte, não reconheça o significado e a importância da Educação Física na educação e formação de crianças e jovens em idade escolar.

Uma das formas de contornar estes elementos perturbadores pode ser desenvolvendo ligações eficazes entre a escola e a comunidade, de modo a proporcionar outros espaços de prática, fora ou dentro do período e do contexto escolar, em que alunos, pais, professores e outros, intervenham e participem conjuntamente em actividades físicas, com prazer e numa atmosfera educativa e lúdica.

É absolutamente indispensável revalorizar o papel das instituições educativas como espaço gerador de uma nova cultura das actividades físicas, onde valores e práticas constituam preocupações formativas conducentes a estilos de vida saudáveis e responsáveis.

Nunca é de mais salientar a importância das aprendizagens, dos hábitos e dos valores obtidos nos primeiros anos de escolaridade. Grande parte dos adultos que frequentaram a escola referem, algumas

vezes com excessivo orgulho, que o seu tempo de escola foi o melhor, e com base nisso desvalorizam a escola dos filhos. Para eles a escola actual não ensina, não educa, não disciplina, etc.

Raras vezes temos encontrado neste discurso de pais e educadores, referências a que a escola actual é menos boa porque não ensina habilidades motoras, não educa gestos ou não promove o respeito por regras e regulamentos. Julgamos que na base desta atitude está a convicção generalizada de que estas coisas se aprenderam no recreio, na rua ou no clube.

Revalorizar o papel da escola e do que lá se aprende e ensina, particularmente no que diz respeito à Educação Física, pode ser um primeiro passo para que professores e alunos recuperem a confiança, dêem importância ao que realizam e aceitem melhor o esforço que fazem.

Para a maioria das crianças portuguesas a educação física na Escola Primária representa a única oportunidade para poderem desenvolver as suas capacidades físicas e motoras. Privá-las dessa possibilidade é limitar o seu desenvolvimento, impedir que todos os seus potenciais se realizem, não dar satisfação às suas necessidades básicas de actividade física e, conseqüentemente, colocar obstáculos a uma vida adulta mais activa e saudável.

O princípio de que todas as crianças devem ter acesso igual às oportunidades educativas não é novo, mas no que respeita à Educação Física tem estado longe das preocupações de políticos, governantes e da maioria dos agentes daquele nível de ensino.

É reconhecida a importância da Educação Física na aprendizagem das habilidades motoras fundamentais que permitirão à criança mover-se com prazer, eficiência e controlo na sua vida futura.

Todas as crianças deverão ter a possibilidade de poderem usufruir de experiências formativas de actividade física que lhes possibilitem o seu desenvolvimento harmonioso e completo.

Conhece-se a situação das escolas do 1.º ciclo no que se refere a espaços e equipamentos adequados à leccionação da disciplina de Educação Física. Salvo algumas excepções, são insuficientes, o que determina que na prática a disciplina não exista para a grande maioria dos alunos que frequentam aquele nível de ensino.

É frequente os professores afirmarem que sem espaços minimamente adequados, sem equipamentos fundamentais e sem materiais essenciais não é possível pôr em prática normas, directivas e programas.

Por outro lado, temos constatado que, nos casos em que tem sido possível resolver estes dois aspectos fundamentais (formação dos professores e apetrechamento de escolas), nem sempre se tem verificado uma continuidade na utilização da EF, o que revela a possibilidade de existirem outras causas a influenciar o problema.

De todos estes condicionalismos ressalta a constatação de que na maioria das escolas do ensino primário está por cumprir a igualdade de

oportunidades no acesso de todas as crianças em idade escolar a uma formação eficaz e adequada em educação física

É no interior deste quadro cinzento a nível nacional que surgem não uma, mas nove ilhas, onde as cores da educação física são bem mais alegres e cheias de significado.

As práticas são efectivas, as atitudes são outras, os resultados são visíveis.

Conhecemos o percurso que conduziu a esta situação de excepção, porque tivemos o privilégio de ter estado no seu início (em 1991/92) e posteriormente termos podido conhecer o seu desenrolar, presenciando como observador atento as várias comunicações que sobre ele tem sido pronunciadas pelos seus principais agentes.

Alguém que, como eu, tem dedicado grande parte das suas energias na promoção e no desenvolvimento da Educação física nas escolas do 1.º ciclo, sabe reconhecer as dificuldades em implementar programas que procurem alterar hábitos e promover novas práticas de ensino.

Porque é disso efectivamente que se trata.

Pelos condicionalismos que referimos antes e por outros que sempre surgem é difícil alterar atitudes e crenças dos diferentes agentes que têm responsabilidades neste processo.

Pelas características próprias do seu funcionamento, a escola do 1.º ciclo remete para o professor da classe a responsabilidade de, dentro de determinados parâmetros, seleccionar os conteúdos e actividades que utiliza prioritariamente.

Surge deste modo com importância acrescida o papel que o professor desempenha na estruturação e organização do processo ensino-aprendizagem dos alunos que tem a seu cargo.

As decisões que o professor toma, longe de serem ao acaso, são certamente influenciadas por factores que o obrigam a determinadas escolhas, que implicam certas atitudes, que, em suma, regem em grande parte toda a sua actividade docente.

Para Perrenoud (1983) se não se compreender em que condições e com que tipo de racionalidade o professor desempenha o seu ofício, não se poderá saber em que medida é que qualquer intervenção, qualquer reforma curricular ou qualquer processo de formação poderá ter alguma incidência na alteração das suas práticas .

Os estudos realizados no âmbito da linha da investigação do pensamento do professor (Clark & Paterson, 1986) permitiram destacar que os professores estruturam a sua actividade pedagógica a partir das representações que formulam dos fenómenos em que estão envolvidos, dos significados que lhes atribuem e dos valores que defendem.

Por outro lado, a forma como os professores encaram a sua actividade profissional e a forma como actuam é influenciada, entre outros factores, pela sua história de vida, a sua condição de exercício sócio-profissional, a informação que detêm sobre as matérias de ensino,

os valores socialmente mais valorizados e as expectativas que formulam.

As circunstâncias que regulam o funcionamento das escolas do 1.º ciclo colocam no seus professores as responsabilidades de escolher e privilegiar as matérias de ensino que utilizam com maior frequência, decidir o tempo e o tratamento didáctico que lhes querem conferir, descrever os efeitos e os resultados que valorizam com a sua intervenção educativa.

No caso da Educação Física, as dificuldades são ainda maiores. Lidamos com agentes de ensino com crenças e práticas de educação física decorrentes de uma cultura onde a actividades físicas tiveram, e continuam a ter, um lugar menor.

Num estudo que estamos a realizar numa população de 128 professores da região de Lisboa verificámos que só 25% teve uma prática regular de Educação Física na juventude, que 50% nunca praticou qualquer actividade física e que 80% não tem uma actividade física regular.

Promover a Educação Física junto de profissionais com estas características é uma tarefa árdua, que demora tempo, que requer muitos investimentos pessoais e institucionais, mas que, fundamentalmente, exige competência e convicção.

Regressando às CORES que caracterizam a Educação Física nestas 9 ilhas parece-nos indispensável referir alguns aspectos que consideramos mais significativos do programa de Desenvolvimento da Educação Física da DREFD.

Tem uma cor forte

Centrado na escola e nos seus professores, o programa tem promovido a crescente mobilização destes para a utilização regular da Educação Física. Sabemos como isto é difícil.

Mais Educação Física e melhor Educação Física são princípios que no seio da SPEF e fora dele sempre temos defendido e incentivado.

Pela primeira vez neste discurso utilizei o plural. Não foi por acaso. Utilizei «TEMOS» porque seria imperdoável da minha parte omitir a componente colectiva desta luta, na presença de companheiros, de entre os quais quero hoje destacar o Sr. Director Regional, com quem me orgulho de ter participado, entre outras actividades, na elaboração dos Programas de Educação Física em vigor.

Mais e melhor Educação Física pressupõe uma evolução cultural e social do conceito de actividade física, no sentido de promover uma nova imagem do corpo, mas sobretudo a valorização das actividades educativas a ele predominantemente ligadas.

Nesse sentido, são de realçar as preocupações do programa da DREFD em procurar uma maior aproximação da escola à comunidade,

na intenção clara de dar às suas práticas um conteúdo cultural transformador.

Tem uma cor viva

Na compreensão e no respeito pelo trabalho realizado pelos professores do 1.º ciclo, nunca aceitando subalternizar a sua função e procurando fazer dele, por convicção, um agente transformador das práticas de Educação Física que acontecem na escola.

Defendemos que as escolas não são só os edifícios, as paredes e os muros que as delimitam, nem as imposições e pressões que as constroem.

São, mais do que isso, as personagens que no seu interior, ou mesmo fora dele, desempenham tarefas que lhes são social e culturalmente impostas, procurando corresponder às expectativas que sobre elas recaem.

Não será possível compreender esta instituição sem se entenderem os seus principais actores, nos papéis que consciente ou inconscientemente desempenham, nas ansiedades e nas aspirações que desenvolvem, nos conflitos e nas pressões que suportam, etc.

Formação e acompanhamento supervisionado das práticas têm sido os eixos prioritários da intervenção, procurando desenvolver progressivamente competências de ensino específicos da Educação Física.

Formação, acompanhamento e reflexão preparados em resultado da inventariação das necessidades sentidas por cada professor em função dos problemas concretos da sua prática.

Serão certamente os ingredientes indispensáveis a uma mudança de atitude que perdure e se fortaleça.

Tem uma cor alegre

Que acreditando e investindo em professores do 1.º ciclo como coordenadores os forma e transforma em agentes dinamizadores deste novo modelo de Educação Física escolar.

A aposta nestes professores parece-me ser um dos eixos fundamentais do programa, na medida em que conseguiu, sem perder a virtudes da «globalidade», desenvolver uma atitude especializada e positiva face às potencialidades e finalidades da utilização da Educação Física nas escolas do 1.º ciclo.

Citando uma frase da comunicação apresentada pela DREFD no 1.º congresso do 1.º ciclo — «As instituições, por finalidade, procuram afirmar e ganhar novos espaços de poder, e este ganha-se para além do discurso, pela afirmação de determinadas práticas no tecido social educativo.

Penso que o espaço foi ganho e que o tecido educativo destas ilhas já não poderá passar sem a prática de Educação Física de qualidade que tem vindo a ser promovida.

Tem uma cor sóbria, mas muito bonita

Dada por quem é capaz de, com naturalidade, fazer algo tão simples mas tão pouco vulgar no interior das nossas instituições públicas.

Sujeitar o seu projecto à avaliação e discussão por personalidades de reconhecido valor, da área da educação física ou fora dela. É um exemplo que não podemos deixar de enaltecer.

Exmo. senhor Secretário Regional, Exmo. senhor Director Regional, congratulo-me mais uma vez pela oportunidade que me foi dada de poder transmitir o reconhecimento da Sociedade Portuguesa de Educação Física pela eficiência e qualidade do programa de apoio à Educação Física no 1.º CEB que V. Exas. implementaram na região.

Posso garantir-vos que a SPEF tudo fará para o divulgar junto dos seus parceiros nacionais e internacionais, apontando-a como um exemplo a seguir na promoção da Educação Física nos primeiros anos de escolaridade.

Formulo os mais sinceros votos para que esta experiência possa ter continuidade e aprofundamento na continuação dos princípios e valores que a têm orientado

Minhas senhoras e meus senhores, termino transmitindo-vos uma sensação muito pessoal;

As vossas escolas do 1.º CEB são melhores, porque estão completas!

Nas vossas escolas há Educação porque há Educação Física!

Há Educação Física porque existem agentes educativos que a valorizam e consideram importante e imprescindível!

Existem agentes educativos com esta atitude, porque têm a orientá-los responsáveis com projectos claros e cientificamente justificados!

Muito obrigado

Notas

¹ TINNING, R. 1987. Improving Teaching in Physical Education. Deakin University. Victoria.

² GRAHAM, G. 1992. Teaching children physical education; becoming a master teacher. Human Kinetics Books. Champaign.

³ SWLUS, P., Carlier, G., FLORENCE, J., RENARD, J. P., & SCHEIF, A. 1987. Analyse de l'enseignement de l'éducation physique à l'école primaire. Sport, 117, 12-43.

⁴ SWLUS, P., Carlier, G., FLORENCE, J., RENARD, J. P., & SCHEIF, A. 1988. Regards sur l'éducation physique. Analyse de son enseignement à l'école primaire. Louvain-La-Neuve: UCL/ISEPK.

⁵ PIERON, M., CLOES, M., DELAFOSSE, C. & LEDENT, M. 1994. A Experiência pedagógica — Renovação do ensino fundamental — Desenvolvimento corporal das crianças dos 2,5 aos 12 anos. *Boletim da SPEF*, n.º 12, Inverno de 1994, Lisboa.

⁶ ARMSTRONG, N. 1992. *New Directions in Physical Education*, vol. I e II. Neil Armstrong, Editor; Human Kinetics Books. Rawdon, Leeds, Champaign.

⁷ *Éducation Physique; Le guide de l'enseignant — tome 1* (1995). Coéditions AEEPS/Revue EPS, Paris.

⁸ LAVENTURE, B. 1992. *School to Community — Progress and Partnership*. Neil Armstrong, Editor, Human Kinetics Books. Leeds.

Angra do Heroísmo, 18 de Setembro de 1996